

## A ORAÇÃO DA IGREJA NASCENTE

Os primeiros passos da Igreja no mundo foram cadenciados pela oração. Os escritos apostólicos e a grande narração dos *Atos dos Apóstolos* restituem-nos a imagem de uma Igreja a caminho, de uma Igreja ativa, mas que encontra, nas reuniões de oração, a base e o ímpeto para a ação missionária. A imagem da comunidade primitiva de Jerusalém é um ponto de referência para todas as outras experiências cristãs. No livro dos *Atos*, Lucas escreve: “Eles perseveravam na doutrina dos apóstolos, nas reuniões em comum, na fração do pão e nas orações”.<sup>95</sup> A comunidade persevera na oração.

Aqui encontramos quatro características essenciais da vida eclesial: primeira, a escuta do ensinamento dos apóstolos; segunda, a salvaguarda da comunhão recíproca; terceira, a fração do pão; e quarta, a oração. Elas lembram-nos que a existência da Igreja tem sentido, se permanecer firmemente unida a Cristo, isto é, na comunidade, na sua Palavra, na Eucaristia e na oração. É o modo de nos unirmos a Cristo. A pregação e a catequese dão testemunho das palavras e dos gestos do Mestre; a busca constante da comunhão fraterna preserva dos egoísmos e dos particularismos; a fração do pão realiza o sacramento da presença de Jesus no meio de nós: ele nunca estará ausente, na Eucaristia é precisamente ele, ele vive e caminha connosco. E por fim, a oração, que é o espaço do diálogo com o Pai, através de Cristo no Espírito Santo.

Na Igreja, tudo o que cresce fora destas “coordenadas” está desprovido de fundamento. Para discernir uma situação, devemos perguntar-nos como, nessa situação, existem estas quatro coordenadas: a pregação, a busca constante da comunhão fraterna – a caridade –, a fração do pão – ou seja, a vida eucarística – e a oração. Cada situação deve ser avaliada à luz dessas quatro coordenadas. O que não entrar nessas coordenadas está desprovido de eclesialidade, não é eclesial. É Deus quem faz a Igreja, não o clamor das obras. A Igreja não é um mercado; a Igreja não é um grupo de empresários que vão em frente com este novo empreendimento. A Igreja é obra do Espírito Santo, que Jesus nos enviou para nos congregar. A Igreja é precisamente a obra do Espírito na comunidade cristã, na vida comunitária, na Eucaristia, na oração, sempre. E tudo o que cresce fora dessas coordenadas está sem fundamento, é como uma casa construída sobre a areia.<sup>96</sup> É Deus quem faz a Igreja, não o clamor das obras. É a palavra de Jesus que enche os nossos esforços de significado. É na humildade que se constrói o futuro do mundo.

Às vezes, sinto grande tristeza quando vejo alguma comunidade que, com boa vontade, comete um erro porque pensa em fazer a Igreja com reuniões, como se fosse um partido político: a maioria, a minoria, o que pensa este, ele, o outro... “É como um Sínodo, um caminho sinodal que devemos percorrer”. Pergunto-me: onde está o Espírito Santo? Onde está a oração? Onde está o amor comunitário? Onde está a Eucaristia? Sem estas quatro coordenadas, a Igreja torna-se uma sociedade humana, um partido político – maioritário, minoritário –, as mudanças são feitas como se fosse uma empresa, pela maioria ou minoria... Mas não há Espírito Santo. E a presença do Espírito Santo é garantida precisamente por essas quatro coordenadas. Para avaliar uma

situação, se é eclesial ou não, perguntemo-nos se existem estas quatro coordenadas: a vida comunitária, a oração, a Eucaristia... [a pregação], como se desenvolve a vida com essas quatro coordenadas. Se faltar isto, faltará o Espírito, e se faltar o Espírito, seremos uma bonita associação humanitária, de beneficência, muito bem, até um partido, digamos assim, eclesial, mas não há Igreja. E é por isso que a Igreja não pode crescer através destas coisas: não cresce por proselitismo, como qualquer empresa, cresce por atração. E quem move a atração? O Espírito Santo. Nunca esqueçamos esta expressão de Bento XVI: “A Igreja não cresce por proselitismo, cresce por atração”. Se faltar o Espírito Santo, que atrai para Jesus, ali não haverá Igreja alguma. Bem, haverá um bom clube de amigos, com boas intenções, mas não haverá Igreja, não haverá sinodalidade.

Lendo os *Atos dos Apóstolos*, descobrimos que o poderoso motor da evangelização são as *reuniões de oração*, onde aqueles que participam experimentam diretamente a presença de Jesus e são tocados pelo Espírito. Os membros da primeira comunidade – mas isto é sempre verdade, também para nós, hoje – compreendem que a história do encontro com Jesus não parou no momento da Ascensão, mas continua na sua vida. Narrando o que o Senhor disse e fez – a escuta da Palavra –, rezando para entrar em comunhão com ele, tudo se torna vivo. A oração infunde luz e calor: o dom do Espírito faz nascer neles o fervor.

A este respeito, o *Catecismo* tem uma expressão muito densa. Diz assim: “O Espírito Santo [...] recorda Cristo à sua Igreja orante, também a conduz para a verdade integral e suscita formulações novas que exprimirão o insondável mistério de Cristo operante na vida, sacramentos e missão da Igreja”.<sup>97</sup> Eis a obra do Espírito na Igreja: *recordar Jesus*. O próprio Jesus disse-o: ele ensinar-

vos-á e recordar-vos-á. A missão consiste em *recordar* Jesus, mas não como exercício mnemônico. Percorrendo os caminhos da missão, os cristãos recordam Jesus quando o tornam novamente presente; e dele, do seu Espírito, recebem o “impulso” para ir proclamar e servir. Na oração, o cristão mergulha no mistério de Deus que ama cada homem, aquele Deus que deseja que o Evangelho seja pregado a todos. Deus é Deus para todos, e em Jesus todos os muros de separação foram definitivamente abatidos: como diz São Paulo, ele é a nossa paz, ou seja, “Ele, que de dois povos fez um só”.<sup>98</sup> Jesus realizou a unidade.

Assim, a vida da Igreja primitiva é ritmada por uma sucessão contínua de celebrações, convocações, tempos de oração quer comunitária, quer pessoal. E é o Espírito que dá força aos pregadores que se põem a caminho, e que, por amor a Jesus, sulcam os mares e enfrentam perigos, submetendo-se a humilhações.

Deus doa amor, Deus pede amor. Esta é a raiz mística de toda a vida crente. Os primeiros cristãos em oração, mas também nós que viemos muitos séculos mais tarde, todos vivemos a mesma experiência. O Espírito anima tudo. E qualquer cristão que não tiver medo de dedicar tempo à oração, pode fazer próprias as palavras do apóstolo Paulo: “A minha vida presente, na carne, vivo-a na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”.<sup>99</sup> A oração torna-nos conscientes disso. Só no silêncio da adoração experimentamos toda a verdade dessas palavras. Temos de retomar o sentido da adoração. Adorar, adorar Deus, adorar Jesus, adorar o Espírito. O Pai, o Filho e o Espírito: adorar. Em silêncio! A prece da adoração é a oração que nos faz reconhecer

Deus como início e fim de toda a história. E essa oração é o fogo vivo do Espírito que dá força ao testemunho e à missão.

*Audiência geral 25 de novembro de 2020*

## **CAPÍTULO 15**

95 At 2,42.

96 Cf. Mt 7,24-27.

97 *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2625.

98 Ef 2,14.

99 Gl 2,20.

